

Isaura e as faces da violência em *Nós matamos o Cão Tinhoso*, de Luís Bernardo Honwana

Yago Viegas da Silva*

Resumo

Nós matamos o Cão Tinhoso é um conto de Luís Bernardo Honwana, autor moçambicano, publicado em 1964. Nesse conto, Honwana constrói uma narrativa permeada de inocência, conflitos internos e coletivos, violência e infância. A narrativa se passa em uma aldeia numa localidade rural de Moçambique, e há, nesta, a presença de um elemento simbólico negativo: um cachorro rabugento (cão tinhoso), doente e bastante fedorento, que nada consegue fazer além de causar náuseas e despertar o asco dos que o veem. A narrativa ganha força quando o Cão Tinhoso é condenado à morte, embora a personagem Isaura, uma menina que sofre exclusão e preconceitos diversos, seja a maior vítima da violência que se coloca. O objetivo deste artigo é analisar a trajetória da personagem Isaura e os tipos de violência sofridos por ela, dentre os quais destacam-se o institucional e o de gênero. Essa personagem personifica o povo colonizado subjugado, por ser mulher, ela tem sua situação agravada. Para este trabalho, foram utilizadas as reflexões de Connel, em seu “Políticas da masculinidade” (1995), e Infantes e Delgado, em “El significado de la masculinidad para el análisis social” (2011), que contribuem para a percepção da naturalização da violência contra a menina, que, na verdade, é a única a agir com compaixão e misericórdia diante do animal moribundo que dá nome ao conto.

Palavras-chave: violência de gênero; literatura africana; colonialismo; análise social.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9487-5763>.

Isaura and the faces of violence in *Nós matamos o Cão Tinhoso*, by Luís Bernardo Honwana

Abstract

Nós matamos o Cão Tinhoso is a shortstory by Luís Bernardo Honwana, a Mozambican author, published in 1964. In this story, Honwana builds a narrative permeated with innocence, internal and collective conflicts, violence and childhood. The narrative takes place in a village in a rural area of Mozambique and everything that happens there culminates in a negative symbolic element: a grumpy, sick, and very smelly dog (Cão Tinhoso) that can't do anything but cause nausea and disgust in those who see it. The narrative gains strength when Cão Tinhoso is sentenced to death, although the character Isaura, a girl who suffers from various forms of exclusion and prejudice, is the greatest victim of the violence that arises. The objective of this work is to analyze the trajectory of the character Isaura and the types of violence suffered by her, among which the institutional and gender violence stand out. This character personifies the colonized subjugated people and, as a woman, her situation is exacerbated. For this work, the reflections of Connel in his "Masculinity policies" (1995) and Infantes and Delgado in "The Meaning of Masculinity for Social Analysis" (2011) were used, that contribute to the perception of the naturalization of violence against the girl who, in fact, is the only one who acts with compassion and mercy towards the dying animal that gives its name to the story.

Keywords: gender violence; african literature; colonialism; social analysis.

1 Introdução

Nós matamos o Cão Tinhoso é um conto de Luís Bernardo Honwana, autor moçambicano, publicado em 1964. Nesse conto, Honwana constrói uma narrativa permeada de inocência, conflitos internos e coletivos, violência e infância. A narrativa se passa em uma aldeia numa localidade rural de Moçambique, e tudo o que nela acontece gira em torno de um elemento simbólico negativo: um cachorro rabugento, doente e bastante fedorento, que nada consegue fazer além de causar náuseas e despertar o asco dos que o veem.

Não obstante, a figura do Cão aponta para uma outra personagem bastante importante para o texto: Isaura, uma menina que vive na comunidade, é a única criatura humana capaz de se compadecer da situação do cachorro doente, de modo que sua compaixão é silenciada pela voz da maioria, que a julga constantemente, colocando-a numa situação de desfavorecimento em relação às demais crianças do local.

Durante o desenrolar do enredo, os homens que têm algum poder de decisão, no contexto político, econômico e social na aldeia, decidem, por unanimidade, “dar fim” ao Cão Tinhoso. A princípio, essa ação é predita como um golpe de misericórdia, mas não é bem isso o que é apresentado, pois os personagens responsáveis pela execução fazem da morte do cão um episódio de manifestação da maldade e da crueldade do homem.

Desse modo, a eutanásia do Cão é reconfigurada e dá espaço a um espetáculo horrendo de machismo e violência de gênero (além da violência contra o pobre animal). O que deveria ser um ato cuja finalidade seria encerrar o sofrimento do pobre cachorro rabugento é, na verdade, uma cena que traz os personagens (os meninos da aldeia e Isaura) para o campo da demonstração de suas verdadeiras faces.

Embora doente e sofrendo violências físicas e verbais a todo instante, o Cão Tinhoso, com seus olhos extremamente azuis e sua pele cheia de feridas, tocara apenas um coração: o de Isaura, uma menina doce e única criatura em toda a aldeia de quem o cachorro moribundo conseguia arrancar um olhar de misericórdia/compaixão. Isaura é descrita como uma menina franzina, a quem são atribuídas faculdades como “pouco juízo” ou algo que se assemelha a desequilíbrio. A verdade, no entanto, é que Isaura

é uma personagem que se projeta para além dos parâmetros criados e institucionalizados.

Nesse sentido, Isaura rompe com o padrão apresentado por ser aquela em que não é possível reconhecer os valores sociais da sua comunidade. É uma menina dócil, carinhosa. Sua grande culpa é ser irritantemente carinhosa com um cachorro que nada merecia além de chutes, cusparadas e uma morte extremamente dolorosa.

Embora não seja a única personagem feminina de destaque na narrativa, a posição que Isaura ocupa é pertinente para nos fazer pensar as relações que se estabelecem no texto e que, evidentemente, estão para além dele. A mais enfática delas talvez seja a contraposição que há entre o papel de Isaura, menina e subjugada à exclusão e ao preconceito dos que a rodeiam, e a Senhora Professora, uma personagem de poucas e duras palavras e um semblante que se aproxima muito mais do “ideal” masculino traçado histórica e socialmente do que de uma mulher no papel de educadora e formadora de cidadãos conscientes.

A Senhora Professora, nesse sentido, reproduz uma masculinidade hegemônica que se constituiu ao longo da história e que traz em si algum poder. O próprio fato de a personagem não ter um nome que a defina e depender da personificação de um pronome de tratamento acompanhado de sua profissão já se configura como um apagamento de sua identidade, como se a sua essência, nesse contexto, fosse apenas reproduzir aquilo que lhe fora confiado, pelos homens, inclusive.

Nesse sentido, reflete Connel: “Falar de posição dos homens significa enfatizar que a masculinidade tem a ver com relações sociais e também se refere a corpos — uma vez que ‘homens’ significa pessoas adultas com corpos masculinos.” (CONNEL, 1995, p. 188).

A imagem construída da Senhora Professora, em oposição à de Isaura é, pois, a seguinte: ao passo que a primeira é tida como uma mulher que representa uma certa força (opressora e intimidante, inclusive), sendo esta uma marca da masculinidade que ela reproduz e representa, Isaura é o símbolo da fraqueza, da meiguice e da fragilidade, a menina sem grandes perspectivas de futuro e que é, pois, a personagem em quem os paradigmas estereotipados do feminino se manifestam. É interessante compreender que Isaura e a Senhora Professora não são uma espécie de “protagonista” e “antagonista”, necessariamente, mas o que uma representa é o completo

oposto da outra em todos os sentidos, inclusive na postura que assumem nas cenas do enredo do conto.

Outro ponto a ser levado em consideração e que muito pode nos ajudar a compreender a relação entre as duas personagens é o fato de a Senhora Professora, além da reprodução da masculinidade opressora, representar o colonizador branco (considerando o fato de que Moçambique foi colonizado pelos portugueses e que cabia à “metrópole” a educação a ser oferecida nas colônias). Assim, o julgamento que a Senhora Professora impõe sobre a pobre menina está para muito além da simples relação entre dois sujeitos. Diz respeito à maneira como o processo de colonização em África foi permeado de violências; e o conto de Honwana nos leva a mergulhar nessa atmosfera de opressão.

Por isso a figura de Isaura é tão determinante: ela é, certamente, a maior vítima das relações abusivas que existem no conto. Ao passo que o Cão Tinhoso é penalizado de morte ou os meninos são comandados pelo colonizador em situação de poder, Isaura é subjugada, tanto pelo homem branco colonizador (na figura da Professora) quanto pelos seus compatriotas (na figura dos colegas de escola que repetidamente a agridem). Mas, se a Senhora Professora é uma mulher, por que podemos contrapor o seu perfil feminino ao de Isaura, a outra personagem mulher em evidência no texto?

Existe uma polarização entre as figuras de Isaura e da Senhora Professora, de modo que essa polarização apresenta característica dos gêneros que cada uma representa. E aqui tomamos a Senhora Professora (uma personagem mulher) como exemplo de masculinidade, porque ela é aquela que foge dos parâmetros pensados para o feminino no conto, que seriam Isaura ou outras mulheres que aparecem na narrativa e que sequer têm poder de fala. A respeito dessa polarização dos comportamentos constituídos histórica e socialmente entre o masculino e o feminino, Infantes e Delgado refletem:

La masculinidad existe sólo en contraste con la femineidad. Una cultura que no trata a las mujeres y hombres como portadores de tipos de carácter polarizados, por lo menos en principio, no tiene un concepto de masculinidad en el sentido de la cultura moderna europea/americana.[...]

Al hablar de masculinidad en sentido absoluto, entonces, estamos haciendo género en una forma culturalmente específica. Se debe tener esto en mente ante cualquier demanda de haber descubierto verdades transhistóricas acerca de la condición del hombre y de lo masculino. Las definiciones de masculinidad han aceptado en su mayoría como verdadero nuestro punto de vista cultural, pero han adoptado estrategias diferentes para caracterizar el tipo de persona que se considera masculina. Se han seguido cuatro enfoques principales que se distinguen fácilmente en cuanto a su lógica, aunque a menudo se combinan en la práctica. (INFANTES; DELGADO, 2011, p. 93).

A partir da proposição das autoras, podemos considerar que o que caracteriza, em princípio, o masculino, é justamente a sua contraposição ao feminino. Ou seja, a partir dessa perspectiva, a personagem Isaura, no seu papel de subjugação, nos sinaliza a ponta do alicerce da constituição do papel da mulher (ainda mais, criança), na sociedade sobre a qual o conto traça sua referência, de modo que não é possível encontrar uma significação que seja realmente “poderosa” na personagem, como se esse papel fosse (ou seja) destinado exclusivamente aos homens (mesmo crianças), como os meninos encarregados de matarem o Cão Tinhoso.

2 Isaura e o que ela representa

Isaura é a personagem sobre a quem se atribui, além de Dinho e sua visão de protagonista, um papel de destaque no conto, especialmente na ocasião da morte do Cão.

Antes desse desfecho trágico para o pobre cachorro, Isaura é apresentada pelos demais personagens (sobretudo o Dinho) a partir da sua relação de proximidade com o animal doente. Depois de descrevê-lo como um animal de aparência asquerosa, Dinho reflete:

Isaura era a única que gostava do Cão Tinhoso e passava o tempo todo com ele, a dar-lhe o lanche dela para ele comer e a fazer-lhe festinhas, mas a Isaura era maluquinha, todos sabiam disso.

A Senhora Professora já tinha dito que ela não regulava lá muito bem e que o pai a havia de tirar da Escola pelo Natal. (HONWANA, 1964, p. 4).

A personagem é descrita como uma menina a quem se direcionava um tratamento excludente, além de pouquíssima (ou nenhuma) perspectiva de futuro, sobretudo por parte da educação institucional, representada pela Senhora Professora. O fato que se destaca é que a reflexão e as consequências que se dão (como o fato de ela ter que ser tirada da escola) acontecem justamente a partir da relação da menina com o animal, como se, por tratá-lo dignamente, ela merecesse a exclusão social dos colegas, da escola e os maus-tratos dos representantes do Poder, como a Professora.

3 A perseguição à inocência de Isaura

No decorrer do enredo, várias vezes Isaura é vista e descrita como a personagem de quem pouco se espera. Após um episódio comunitário no qual a eutanásia do Cão Tinhoso é colocada em questão e aceita de prontidão por todos, o Doutor Veterinário encarrega seu assistente, que faculta aos meninos da vila e colegas de escola de Isaura de levarem o Cão para um local distante da visão de todos e matarem-no, sob o pretexto de colocar um fim ao seu sofrimento, mas que, na verdade, não tinha muito a ver com compaixão. O que se queria, de fato, era libertar os olhos e os narizes da visão negativa e do mau cheiro das feridas do cachorro. Um fato triste que se percebe no conto é que ninguém, nem mesmo o Doutor Veterinário (que devia amar e cuidar dos animais), pensa, mesmo que por um instante, em tratar das feridas do pobre bicho a fim de lhe preservar a vida. Matar é a única solução proposta e a única aceita por todos, como um modo simples e ligeiro de se livrar do indesejado símbolo de fraqueza.

Nessa perspectiva, deparamo-nos com uma naturalização da violência e do extermínio, temas bastante recorrentes na relação entre colonizador e colonizado. Mesmo se tratando de um cachorro (animal irracional), há uma metáfora justaposta por trás da figura moribunda: a de um povo que, aos olhos do branco europeu, talvez se configure como composto por sujeitos pobres, incapazes, sujeitos.

Encerrada a discussão e decretado o extermínio, foram então os 12 meninos (entre eles, Dinho, o protagonista, Quim, Gulamo, Zé, Xangai, Carlinhos e outros garotos que aparecem em outras cenas anteriores do conto) carregando o Cão Tinhoso, puxado por uma corda, para matá-lo. Na configuração da cena da caminhada, construímos uma intertextualidade com a *Via Crucis* (Via Sacra), de forma que os 12 meninos lembram os 12 apóstolos escolhidos por Jesus Cristo para segui-lo. Aqui, no entanto, a vítima do sacrifício predito é o cachorro doente; os 12 já não anunciam a paz, mas executam a violência e a opressão.

Um pensamento de Dinho (que de alguma maneira nutria um sentimento forte por Isaura a ponto de lembrar-se dela aqui e ali), quando foi pegar a corda e a espingarda para amarrar o cachorro, nos revela a necessidade de punição que o menino via em relação à Isaura.

Esse relato nos é apresentado objetivamente: “[...] era bom matar o Cão Tinhoso porque andava todo cheio de feridas e era um nojo. E até era bem feito para a Isaura, que andava cheia de manias por causa dele.” (HONWANA, 1964, p. 14).

Matar o cachorro, para ele, não era uma diversão (como para os outros meninos), também não era apenas uma necessidade sanitária (como para os homens da vila), mas havia, escondida na necessidade de livrar a vila do Cão, uma maneira de punir Isaura por tratar o animal tão bem, enquanto a ele (Dinho), ela mal o via.

É natural pensarmos, pois, que o personagem Dinho sentia ciúmes do Cão Tinhoso. Mais uma vez, as relações de gênero nos apontam um personagem (criança) que se apropria da naturalização da figura masculina como aquela que dita as regras, retirando da mulher até mesmo a sua condição de sentir. O prazer na punição vem, então, para sanar esse ego masculino ferido.

Desse modo, percebe-se que Isaura é vítima de um sistema que a toma como inimiga simplesmente por agir fora do padrão, já que ela mesma não fez nada que a culpabilizasse. A esse perfil de mulher culpabilizada, levanta-se a reflexão sobre tantos temas caros à humanidade e que são jogados nas costas das mulheres sem qualquer tipo de aprofundamento, empatia ou respeito às suas escolhas e sentimentos. Essa realidade vai ao encontro da consciência de que a masculinidade hegemônica estabelece seus princípios (que, na verdade, são princípios, meios e fins, já que tudo começa neles,

passa por eles e termina neles) e rechaça qualquer perfil que não se encaixe nos paradigmas preditos. Isaura é como Eva ao apresentar a Adão o fruto proibido, culpada ao máximo por exercer um papel coadjuvante.

4 A sexualização da inocência de Isaura

Depois que os 12 meninos (tal qual os 12 apóstolos reunidos) vão com o Cão Tinhoso em direção ao matagal, para lá, com planos bastante requintados de crueldade, “dar cabo” da sua vida, o desfecho do conto nos apresenta uma pluralidade de acontecimentos que, inclusive, quebram a expectativa do leitor em relação ao que se esperava, especialmente do personagem Dinho.

Primeiro porque Dinho tem um olhar de compaixão para com a vítima do sacrifício. Num ato de muita coragem (que, para os meninos, seus colegas, é um escândalo de covardia), não consegue atirar e começa e suplicar pela vida do animal. Dinho, por ser menino (homem), estava, até o momento, reproduzindo padrões, a fim de conquistar a aceitação dos seus semelhantes. Nesse sentido e nesse contexto, os homens (desde muito novos) precisam ser símbolos de força (inclusive violenta), reproduzindo manifestações culturais e sociais que são, inclusive, inconscientes. (CONNEL, 1995, p. 195). Para isso, era negada (ou melhor, suprimida) a qualquer homem a manifestação de sentimentos associados ao feminino, como o carinho, o amor e até mesmo a compaixão. Por isso Isaura é uma personagem tão interessante. Primeiro, porque ela nos ajuda a perceber que, na verdade, apenas vivencia aquilo que a todos os seres humanos é absolutamente natural, mas que foi negado a alguns (ou a todos): o direito de pensar e agir humanamente.

Segundo porque, contra todas as possibilidades, a protetora inocente e destemida do Cão Tinhoso se materializa em pleno ato da execução, colocando-se entre o cachorro-alvo e as armas dos meninos que estão com os dedos nos gatilhos. A manifestação do machismo como uma forma de opressão acontece também aqui. Veja-se que, ao perceberem Isaura no espaço deles, se manifestam:

[...]

— Ó tipinha, não te disseram que nós não queremos fêmea a esta hora? O que é que vieste para aqui fazer? Não queremos gajas a atrapalhar o que nos mandaram fazer, ouviste?

Isaura não dizia nada e só gemia para a malta. (HONWANA, 1964, p. 26).

A sexualização do corpo feminino (mesmo que criança na manifestação de sua inocência) está entrelaçada na cabeça dos homens (dos meninos, inclusive), na manifestação de Quim. Quim, na cena, é o arquétipo central do macho alfa a quem todos deviam respeito e obediência. Tudo que os demais faziam era para mostrar a ele que eram capazes, mesmo que ele também estivesse querendo mostrar ao Senhor Duarte (assistente do Doutor Veterinário) que era capaz de coordenar a execução do cachorro doente.

Ao se referir à menina como “tipinha” (uma manifestação esdrúxula de inferiorização da menina em relação aos homens e em relação às outras meninas também) e ao indagar: “não te disseram que não queremos fêmea a esta hora?”, o personagem está colocando Isaura numa posição de desconforto e de violência sexual, manifestada aqui através do termo “fêmea” estereotipado. Este estereótipo, portanto, se daria em contraposição ao termo macho (e os machos, no caso, seriam os meninos da cena, que poderiam “usufruir” do prazer de dominar/usar a fêmea).

A menina, a quem cabe nada além do silêncio nesse momento, é amparada por Dinho, mas os dois são vitimizados como símbolos de fraqueza: Dinho porque não conseguiu agir como os demais meninos e Isaura por ser menina.

A dupla é, pois, colocada sob o jugo da violência do grupo. Considerados fracos (seja por não conseguir atirar no Cão ou por ser considerada mentalmente incapaz), ambos estão no mesmo patamar, sendo que o de Isaura seria, “naturalmente”, este. É Dinho quem “desce” na aceitação, pois o ser homem representa coisas que o menino já não tem, de forma que agora ele está no limbo da aceitação, do qual fazem parte apenas garotas como Isaura.

Para além disso, Isaura fica completamente à mercê de todos os meninos, nesse episódio de completa violência. Dinho, sob ordens de retirar Isaura da frente do Cão Tinhoso, para que este pudesse ser assassinado,

agarra a menina com força (sob o pretexto de protegê-la). Ao começar do espetáculo de tiros ao alvo, Isaura, provavelmente ensurdecida pelo barulho das armas, agarra Dinho com força suficiente para machucá-lo com as unhas. O personagem, nesse momento, pensa que não dirá a ela porque sente certo prazer, de alguma forma, com o contato pele a pele dos dois e com a dor causada pelas unhas da menina.

Desse modo, o Cão Tinhoso é morto e os meninos voltam para a vila, deixando para trás Isaura e sua culpa de ter amado o inamável. O episódio violento do assassinato do Cão não é motivo sequer de grande diálogo. Isso se deve provavelmente pelo fato de ser considerado um alívio para a comunidade local, já que o animal incomodava muito. Contudo, devemos considerar a enorme ausência que ele ocasionara, principalmente para Isaura (já que ambos podiam contar um com o outro). Assim, com a morte do bicho, ela há de ter mergulhado numa atmosfera de solidão ainda mais profunda.

5 Considerações finais

Isaura é uma menina meiga e carinhosa sobre quem recai a culpa de ser dócil quando o sistema social exigia dela uma postura de violência. É uma menina que age de acordo com a própria querência, que vive numa atmosfera que a reprime e mesmo assim se mostra como uma personagem bastante silenciosa.

É a figura da mulher que tem de suportar duras cargas calada em nome do “bem-estar” social ou manifesta-se e é considerada louca, sem propósitos de vida e sem grandes apoios, seja por parte das instituições formais de governo ou pelos cidadãos seus compatriotas, ou mesmo por suas companheiras de gênero, idade, lugar.

A relação de Isaura com os demais personagens nos aponta um tempo em que Moçambique vivia ainda sob o pesado jugo do colonialismo e suas múltiplas formas de instrumentalização da violência, seja ela regida pelo próprio Estado na forma de instituições ou enraizada na estrutura social da comunidade, que passa a aceitá-la como natural ou divina.

A odisseia da personagem é bastante dolorosa, parece que é uma marca própria das Isauras: amar o que não deve ser amado, lutar sozinhas contra tudo que fora estabelecido socialmente para elas e sofrer grandes perdas, inclusive a liberdade, o pensamento e o amor.

Referências

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 15 jun. 2022.

HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o Cão Tinhoso*. Moçambique: Cotovia, 1964.

INFANTES, Anastasia Téllez; DELGADO, Ana Dolores Verdú. El significado de la masculinidad para el análisis social. *Revista Nuevas Tendencias en Antropología*, [s. l.], n. 2, p. 80-103, 2011.